

Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações no Estado de São Paulo

LINHA DIRETA

www.sintetel.org

sintetel@sintetel.org.br

EM REVISTA 

dezembro 2008 4ª edição Ano 8 - Trimestral
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA



EXPERIÊNCIA, JUVENTUDE E TRABALHO

Conheça a nova diretoria do Sintetel, suas perspectivas e seus projetos para 2009

ENTREVISTA

O especialista em telecomunicações
Márcio Wolhers discorre
sobre as mudanças do setor

NOVAS REGRAS

A regulamentação dos Call Centers
beneficia os clientes, mas o tratamento
dispensado aos teleoperadores preocupa

CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE SINTETEL



CURSOS PROFISSIONALIZANTES:

✓ Contabilidade (CRC) ✓ Secretariado (DRT) ✓ Eletrônica (CREA)

Vagas para portadores de deficiência física:

- Supletivo, com o objetivo de elevação da escolaridade.

- Em parceria com a Telefônica, será colocado à disposição o curso de capacitação em informática avançada.

O Sintetel, em parceria com a APSE, disponibilizará processos seletivos para concorrência em diversas vagas para call center e telecomunicações.

**Informações e inscrições: Rua Santa Isabel, 36- Vila Buarque-São Paulo/SP
Próximo ao metrô República. Telefone: (11) 3331-3110**



Sindicato dos Trabalhadores
em Telecomunicações no
Estado de São Paulo

Rua Bento Freitas, 64 - Vila Buarque - São Paulo/SP
Tel: (11) 3351-8899 | sinetel@sinetel.org.br | www.sinetel.org



Rua Bento Freitas, 162 | 10º Andar | Sala 1011
Vila Buarque - São Paulo/SP | Tel: (11) 3361-9678 / 3361-6959

LINHA DIRETA

www.sintetel.org sintetel@sintetel.org.br

EM REVISTA

05 Saúde

A Comunicação de Acidente de Trabalho é obrigatória quando lesões acontecem em serviço

06 Entrevista

Márcio Wholers, diretor do IPEA, faz um panorama do setor de Telecomunicações

08 Empresa

Vivien Mello Suruagy, presidente da Icomon, concilia diversas atividades profissionais

10 Ação Solidária

Funcionária da Telefônica criou sozinha uma pequena biblioteca em seu departamento

11 Telecom

Início da portabilidade numérica acirra a concorrência entre empresas de telefonia

12 Subsedes

Conheça a regional de Bauru, comandada pelo diretor Jorge Luiz Xavier

14 Aconteceu

Sintetel realiza com sucesso o VII Ciclo de seminários dos aposentados. Eventos reuniram cerca de três mil trabalhadores

19 Mulher

Nova licença-maternidade garante seis meses de afastamento para as mães



16 Capa

Eleições no Sintetel: conheça os integrantes da nova diretoria

20 Aposentados

Conheça um pouco melhor a trajetória de Gonçalves Aparecida Cruvinel, primeira mulher a integrar a diretoria executiva do Sindicato

22 Pioneirismo

Atento Belém humaniza setor de RH

23 Opinião

O assessor sindical João Guilherme faz mais uma análise de conjuntura

24 Economia

Sindicalistas propõem diretrizes para o enfrentamento da crise financeira mundial

26 Fique por dentro

Ministério do Trabalho altera Projeto de Lei sobre Terceirização

28 Teleatendimento

Regulamentação dos Call Centers fixa regras para melhorar o atendimento ao consumidor

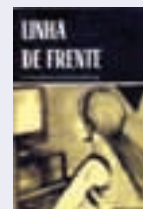
30 Cidadania

Sintetel e Telefônica firmam parceria para inclusão de pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho

32

Filme

Diretor brasileiro Fernando Meirelles lança Ensaio Sobre a Cegueira, adaptação do livro de José Saramago.



Livro

Escritor Júnior Barreto lança obra sobre os bastidores do telemarketing.

33 Passatempo

Complete a cruzadinha e divirta-se com as curiosidades

34 Olho da Rua

O escritor Paulo Rodrigues conta que seu amigo Zanganor pretende lançar um livro de memórias

UM NOVO DESAFIO



É com muita satisfação que chegamos à quarta edição de Linha Direta em Revista - graças às nossas parcerias e ao apoio que encontramos não só na diretoria, mas também em toda a categoria. A publicação já é uma realidade e nós pretendemos mantê-la, pois, além de ser um diferencial aos nossos sócios, trata-se de mais uma fonte de informação à disposição dos trabalhadores em telecomunicações.

Vale ressaltar que tivemos grandes realizações no 2008, conforme noticiamos nas páginas 14 e 15.

Em 2009 teremos muitos desafios para enfrentar. Acabamos de sair de uma eleição sindical na qual a Chapa 1, Unidade na Luta, foi referendada por 96% dos votos da categoria. Daí nossa grande responsabilidade com todos aqueles trabalhadores que confiaram em nossas propostas. Continuaremos a construir a história do Sintetel reafirmando nossa linha de vanguarda e carro-chefe dos trabalhadores em telecomunicações do Brasil.

A nova diretoria, que assumirá o Sindicato no próximo ano, já prevê uma série de obstáculos a serem superados. A começar pela situação repleta de incertezas que acomete o mundo do trabalho, pois ainda não sabemos quais os reflexos que a crise econômica mundial trará para a vida trabalhista.

A crise, e que fique bem claro que ela não foi provocada pelos trabalhadores, deve respingar nas próximas negociações coletivas. Uma parcela do empresariado certamente se apoiará neste argumento na tentativa de barrar a ampliação de conquistas ou negar um reajuste salarial digno.

O Sintetel não se amedronta, pois já está escrito na sua história a tradição de lutar por melhores condições de trabalho tanto nos períodos de crescimento da economia como nas crises econômicas.

Nossa proposta é conduzir os trabalhadores na luta para manter os empregos e para buscar melhores salários e benefícios para a categoria. Sindicato forte se faz com união e mobilização. E neste quesito o Sintetel já é pós-graduado.

Desejo à todos um 2009 com muita paz, saúde e felicidade.

Cartas

ALMIR MUNHOZ é presidente do Sintetel

"Agradeço o envio da terceira edição de Linha Direta em Revista. Gostei muito do conteúdo e da apresentação visual. Parabéns à entidade".

Maria Maeno, médica especializada em doenças do trabalho.

"Quero parabenizar o Sintetel pela qualidade da última revista publicada. Ficou excelente".

Pedro Luis, ex-delegado sindical.

Você também pode mandar as suas sugestões, opiniões e comentários para a redação de Linha Direta em Revista. Basta enviar um e-mail para sinetel@sinetel.org.br



DIRETORIA DO SINETEL

Presidente: Almir Munhoz

Vice-Presidente: José Carlos Guicho

Diretoria Executiva: Gilberto Rodrigues Dourado, Alcides Marin Salles, Elísio Rodrigues de Sousa, Mauro Cava de Brito e Joseval Barbosa da Silva.

Diretores Secretários: Cenise Monteiro de Moraes, Reynaldo Cardarelli Filho, José Clarismunde de Oliveira Aguiar, Eudes José Marques, Amândio Bispo Cruz, Bráulio Moura da Silva e Germar Pereira da Silva.

Diretores Regionais: Jorge Luiz Xavier, Welton José de Araújo, José Roberto da Silva, Ismar José Antonio e Genivaldo Aparecido Barrichello.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Diretor Responsável: Almir Munhoz

Jornalista Responsável: Marco Tirelli MTb 23.187

Revisão Geral: Amanda Santoro

Redação: Amanda Santoro, Emilio Franco Jr., Larissa Armani e Marco Tirelli

Diagramação: Volpe Artes Gráficas

Fotos: J. Amaro e Aparecido Esgalha

Colaboradores: João Guilherme Vargas Netto, Luciana Marillac, Paulo Rodrigues e Theodora Venckus

Impressão: Gráfica Unisind Ltda. - www.unisind.com.br

Distribuição: Sintetel

Tiragem: 60.000 exemplares

Periodicidade: Trimestral

Linha Direta em Revista é uma publicação do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações no Estado de São Paulo. Para enviar cartas à redação, escreva para: Rua Bento Freitas, 64 | Vila Buarque | 01220-000 | São Paulo SP | 11 3351-8899 | www.sinetel.org | sinetel@sinetel.org.br

SUBSEDES

ABC: (11) 4123-8975 sinetel_abc@uol.com.br

Bauru: (14) 3231-1616 sinetel_bru@uol.com.br

Campinas: (19) 3236-1080 subtel.cas@terra.com.br

R. Preto: (16) 3610-3015 subribeirao@sinetel.org.br

Santos: (13) 3225-2422 subsede.santos@terra.com.br

S.J. Rio Preto: (17) 3232-5560 sindicato.sp@terra.com.br

V. Paraíba: (12) 3939-1620 sinetel_sjc@uol.com.br

O Sintetel é filiado à Fenattel (Federação Nacional dos Telefônicos), à UNI (Rede Sindical Internacional) e à Força Sindical. Os artigos publicados nesta revista expressam exclusivamente a opinião de seus autores.



Não se deixe enganar.



A CAT é obrigatória!

A Comunicação de Acidente de Trabalho faz-se necessária quando lesões ocorrem no exercício das atividades

Marco Tirelli

A Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) é um formulário obrigatório que as empresas devem preencher quando o empregado (exceto doméstico), trabalhador avulso ou médico-residente se acidentam no exercício de suas atividades. Ela deve ser encaminhada à Previdência Social até o primeiro dia útil após a ocorrência e, em caso de morte, de imediato à autoridade competente sob pena de multa aplicada e cobrada pelo órgão governamental. Deverá ser emitida uma cópia da CAT ao acidentado ou seus dependentes, bem como para o sindicato a que corresponda a sua categoria.

Na falta de comunicação por parte da empresa, podem formalizá-la o próprio acidentado, seus dependentes, a entidade sindical da categoria, o médico que o assistiu ou qualquer autoridade pública, não prevalecendo nestes casos o prazo de apenas um dia útil. Nesta hipótese, a empresa permanecerá responsável pela falta de cumprimento da legislação. Caberá ao setor de benefícios do INSS comunicar a ocorrência ao setor de fiscalização para a aplicação e cobrança da multa devida.

Através da Previdência Social, os sindicatos e entidades representativas de



classe poderão acompanhar a cobrança das multas previstas para o descumprimento desta obrigatoriedade. “Os sindicatos têm poderes com relação à CAT. Por exemplo, se a empresa for omissa com relação ao seu preenchimento, o sindicato deve intervir prontamente para defender os direitos do trabalhador”, explica Arnaldo Gonçalves, secretário nacional de Segurança e Saúde no Trabalho da Força Sindical.

OS TIPOS DE CAT

A Comunicação de Acidente de Trabalho pode ser preenchida de três diferentes maneiras, de acordo com a lesão ocorrida ou andamento do procedimento:

- a) CAT inicial: acidente do trabalho típico ou de trajeto, ou doença profissional ou do trabalho;
- b) CAT reabertura: reinício de tratamento ou afastamento por agravamento de lesão e doença profissional já comunicados anteriormente ao INSS;

c) CAT comunicação de óbito: falecimento decorrente de acidente ou doença profissional ocorrido após a emissão da CAT inicial.

O CONCEITO DE ACIDENTE DE TRABALHO

É aquele que ocorre a serviço da empresa no exercício de suas atividades, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte, perda ou redução (temporária ou permanente) da capacidade para o trabalho.

O acidente de trabalho será caracterizado tecnicamente pela perícia médica do INSS, mediante a identificação da ligação entre o trabalho e o dano ocorrido.

Uma vez que a incapacidade para o trabalho é reconhecida pela perícia médica do INSS, o trabalhador receberá as prestações acidentárias devidas.



Fonte:

Ministério da Previdência Social
www.previdenciasocial.gov.br ■

“As operadoras de telecomunicações estão mudando seu modelo de negócio”

De acordo com diretor do IPEA, novas estratégias serão traçadas e a concorrência deve ficar acirrada

**Amanda Santoro e
Marco Tirelli**

Márcio Wohlers é doutor e professor pelo Instituto de Economia da UNICAMP. Licenciado para exercer o cargo de diretor da área de estudos setoriais do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas), o entrevistado desta edição foi também pesquisador da CEPAL (Comissão Econômica Para América Latina e Caribe) e assessor especial dos ministros das Comunica-



ções Miro Teixeira e Eunício Oliveira. A sua colaboração com o Sintetel é de longa data, passando pelas épocas da Lei Mínima (1996), Lei Geral de Telecomunicações (1997) e privatização das telecomunicações (1998). Nessas situações, em conjunto com o Sindicato, Wohlers propôs, ao Executivo e Le-

“A concorrência entre as operadoras deve aumentar significativamente devido à ampliação da internet banda larga”

gislativo, alternativas mais modernas a esses instrumentos. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida à Linha Direta em Revista.

Linha Direta em Revista: Qual será a conjuntura que as operadoras fixas e celulares encontrarão nos próximos anos?

Márcio Wohlers: Os desafios para as

políticas públicas e de regulamentação, bem como para as estratégias competitivas e de negócios, são abissais. A concorrência entre as operadoras deve aumentar significativamente devido à ampliação da internet banda larga, à convergência tecnológica, e ao início da saturação dos serviços tradicionais da telefonia fixa e celular. Mas essa concorrência não tende a se restringir à área de redes e serviços de voz: afetará também a distribuição de conteúdo. Diante da ampliação do uso da VoIP (Voz por IP), as operadoras de telecomunicações estão mudando seu modelo de negócio e promovendo um pacote de serviços, que inclui telefonia, banda larga e TV. É o fenômeno do *triple play*, ou mesmo do *quadruple play*, se for incorporada a telefonia celular. Algumas operadoras de TV a cabo já saíram na dianteira e oferecem esses novos pacotes de serviços. É uma reação normal do mercado à concorrência ofertar serviços semelhantes. Porém, quando as operadoras de telefonia começam a ofertar serviços de TV sujeitos a outra regulamentação, surgem os dilemas inconstitucionais e regulatórios. Num futuro próximo, cer-

tamente haverá uma aproximação entre os serviços fixos e celulares.

LDR: Além do caso da Br-Oi, existe a possibilidade de união entre outras operadoras fixas e celulares?

MW: Dada a aproximação entre os serviços fixos e celulares, isso é possível. Afinal, a Telefônica na Espanha já está incorporando a TIM italiana e, provavelmente, tal fato cause repercussão (se a legislação permitir) em uma eventual negociação com a TIM Brasil, que é única operadora celular sem vinculação a uma fixa.

LDR: Quais as condições de emprego para o setor de telecomunicações após as alterações no Plano Geral de Outorgas (PGO)?

MW: No geral, devem existir cláusulas de estímulo ao emprego quando há dinheiro público envolvido. No entanto, certas áreas administrativas e financeiras – notoriamente duplicadas – podem forçar uma racionalização e, nesse sentido, os empregos administrativos podem ser transferidos de uma área para outra. Também pode simplesmente ocorrer demissões.

LDR: O mercado de telefonia fixa tende a desaparecer ou ser substituído?

MW: A telefonia fixa vai mudar muito. Além de a VoIP avançar muito rápido sobre ela, os serviços fixos e celulares tendem a se aproximar, com vantagens para estes últimos, que freqüentemente se capacitam para oferecer novas facilidades (como GPS, acesso ao Google, etc.). A telefonia fixa não possui essa capacidade de atualização permanente. Em termos legais, isso significa que não apenas é necessária a atualização do conceito legal de STFC (Serviço de Telefonia Fixa Comutado), como é preciso viabilizar a aproximação tecnológica e



“A resposta sobre o que é um serviço com qualidade fornecido a um preço justo novamente fica com as agências de proteção ao consumidor”

mercantil entre esses serviços. Isso já acontece em países mais avançados.

LDR: Quais os pontos positivos e negativos da Lei que regulamentou os Serviços de Teleatendimento?

MW: A forma de atuação dos SACs era insustentável. As críticas de todos os órgãos de defesa do consumidor e as inúmeras reclamações dos usuários, além do elevado número de Ações Cíveis Públicas, evidenciaram o quadro insatisfatório do atendimento ao consumidor das prestadoras de serviços de massa. Era evidente que, mais cedo ou mais tarde, viria uma “instrução normativa superior” para corrigir a atuação dos SACs.

O quadro de precariedade agravou-se a partir da privatização nos anos 90 e, particularmente, após o início da concorrência. Há que se reconhecer que a partir da privatização, da imposição de metas pela Anatel e da queda de custos da telefonia celular, o avanço das telecomunicações no país foi extraordinário. A demanda reprimida na telefonia fixa foi rapidamente atendida e o avanço da telefonia celular foi maior ainda, em particular sob a modalidade do pré-pago.

Entretanto, uma das formas de cortar custos, fenômeno típico da concorrência em qualquer setor econômico, foi a instituição do teleatendimento baseado em poucas e complexas operações que complicam o serviço para o usuário. Evidentemente, houve o lado positivo da

criação de inúmeros postos de serviços nas centrais de atendimento, em especial para jovens, mas geralmente eram empregos precários com forte taxa de exploração da força de trabalho.

As operadoras desses serviços reclamam que o prazo de implantação das aplicações é muito rígido, e os custos para adequações de tecnologia, RH e gestão serão repassados aos usuários. No entanto, fica a dúvida: será que os lucros obtidos anteriormente já não foram compensadores? Uma vez que todos os concorrentes arcarão com esses custos, até que ponto eles devem ser repassados ao usuário? A resposta sobre o que é um serviço com qualidade fornecido a um preço justo novamente fica com as agências de proteção ao consumidor e, naturalmente, com os sindicatos que possuem uma visão ampla do setor.

LDR: Qual o impacto da crise econômica nas telecomunicações?

MW: A crise econômica atingiu o coração do sistema capitalista, especialmente nas áreas de crédito e exportação. Alguns projetos mais caros, como o de fibras ópticas, por exemplo, deverão ser adiados. A alta do dólar também deve dificultar a importação de componentes e terminais, desaquecendo a venda de terminais celulares. Além disso, um PIB mais baixo acarreta uma menor demanda de telecomunicações. ■

PERFIL

Empreendedorismo

versátil



Presidente da Icomon explica como concilia o trabalho empresarial com os cargos de direção na FIESP e no SINSTAL

**Emilio Franco Jr.
e Larissa Armani**

A carreira profissional de Vivien Mello Suruagy, presidente da Icomon, começou em Brasília, a 1.174 quilômetros da sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Entretanto, a empresária não carrega sangue carioca nem brasiliense: é a fibra alagoana, herdada de uma família com raízes no estado, que corre em suas veias. Antes de se mudar para a capital do país, Vivien cursou engenharia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Depois, enriqueceu o currículo, e fez pós-graduação. “Eu trabalhava numa empresa de construção civil. Frequentemente ia para o Nordeste e, na volta, passava por Brasília. Nessas idas e vindas percebi que a cidade tinha muito potencial, e então resolvi abrir meu próprio negócio por lá”, conta.

Com o passar do tempo, Vivien não pôde ignorar a importância de São Paulo, lugar que ela classifica como “a cidade onde tudo acontece”. Foi então que decidiu montar no município empresas na área de construção civil e saneamento. Posteriormente, arriscou-se, com sucesso, no ramo de te-

lecomunicações. Com a ajuda de sócios, comprou a Icomon.

Aos poucos, o setor de telecomunicações começou a se expandir. “Antes da década de 90, não se ouvia falar em telecomunicações. Conseguir um celular demorava muito. Passamos por todas as fases: vimos as redes sendo implantadas e o governo privatizar o setor, o que causou um *boom* de investimento. Depois disso não parou mais”, conta Vivien. Antes das privatizações, a Icomon já trabalhava no setor como prestadora de serviços do governo. Após a chegada da iniciativa privada, a empresa passou a prestar serviços à Telefônica.

Além da dedicação aos negócios, Vivien encontra tempo para presidir o Sinstal, sindicato patronal do setor de telecomunicações. “A minha chegada na vida sindical foi mais por consciência daquilo que estávamos vivendo. O empresário pensa muito diferente do trabalhador: eles não se juntam aos seus companheiros para reivindicar. Isso é natural do trabalhador. O empresário, normalmente, não tem esse perfil. É acomodado nesse aspecto de reivindicação, não agrega e, às vezes, procura até mesmo destruir um concorrente para se manter no mercado”.

Aliando conhecimento sindical à visão empresarial, Vivien assinou um importante código de conduta entre

a Icomon, o Sintetel e a UniGlobal. Pelo acordo, sua empresa se compromete a respeitar as leis trabalhistas dos países em que atuará. A ideia surgiu com as intenções da Icomon de se expandir para países da América Latina, planos que estão temporariamente suspensos por conta da crise internacional.

Vivien integra ainda a direção da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Antes, sua atuação era menos participativa, mas isso mudou depois que ela assumiu a presidência do Sinstal. Atualmente, a empresária defende a FIESP como uma grande escola, em que as empresas aprendem a trabalhar juntas e a lutar conscientemente por seus interesses.

Para conseguir o respeito em todos os cargos que ocupa, Vivien mantém uma postura firme. “Normalmente sou enérgica. Quase todo o empresário é composto por homens e ainda existe certo preconceito. Por isso, preciso me impor”. Entretanto, a empresária afirma que, com a chegada da maternidade, a sua atuação no ramo empresarial sofreu uma pequena alteração. “Sempre procuro dar um passo do tamanho da minha perna. Admito que, com o nascimento dos meus filhos, essa perna diminuiu”. ■



A batalha pelo emprego



Brasileiros entre 15 e 24 anos representam quase metade dos desempregados no País

**Amanda Santoro
e Marco Tirelli**

Após usar a inteligência na escola com gráficos e equações de segundo grau, o jovem depara-se com números assustadores: os do mercado de trabalho. Desemprego é a grande ameaça para a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a situação é muito preocupante: a parcela de jovens empregados estagnou durante a última década. “Participava de muitas entrevistas e quase nunca recebia resposta. Quando eles retornavam, falavam que infelizmente não tinha sido daquela vez, mas guardariam meu currículo para o futuro. É meio



desanimador”, afirma Maria Carolina Thomazzi, de 24 anos, que só conseguiu trabalho dez meses após incansante procura.

Segundo pesquisa divulgada em 2005 pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), os brasileiros com idade entre 15 e 24 anos representam quase metade das pessoas sem emprego no País. Isso ilustra uma taxa de desemprego 3,5 vezes maior do que a constatada entre adultos. Ainda de acordo com o estudo, o Brasil lidera uma lista de dez países nesse quesito: 46,6% dos jovens estão desempregados, superando o México (40,4%), Argentina (39,6%), Reino Unido (38,6%), Suécia (33,3%), Estados Unidos (33,2%), Itália (25,9%), Espanha (25,6%), França (22,1%) e Alemanha (16,3%).

Entretanto, os dados revelam que o desemprego na juventude não é um problema restrito ao Brasil. Na Europa, o fenômeno começou a despontar na década de 80 e, nos últimos anos, tem ocorrido uma pequena reversão motivada pela redução da população economicamente ativa. Almir Munhoz, presidente do Sintetel, acredita que a falta de oportunidades para os jovens está diretamente relacionada ao pre-

conceito das empresas. “Por serem menos experientes, eles geralmente são os primeiros a serem dispensados. Os empregadores não hesitam porque, em casos de demissão, as indenizações são menores”.

Outro fator que contribui para a elevada taxa de desemprego entre os brasileiros de 15 a 24 anos é a alta rotatividade de trabalho. Isso porque, no começo da carreira, é comum que os jovens procurem diferentes experiências para utilizá-las no futuro. “Trabalhei quatro meses em uma empresa que pagava mal e acrescentava pouquíssimo conhecimento. Pedi demissão e comecei a procurar outro emprego. Se não adquirir experiência agora, como será daqui alguns anos?”, questiona a estudante universitária Renata Marques dos Reis, de 20 anos.

Dados recentes indicam que a participação dos jovens desempregados nas seis maiores regiões metropolitanas do país aumentou de 45,7% (em março de 2002) para 46,8% (em março de 2008). “Em parceria com o governo, o movimento sindical deve criar políticas públicas que derrubem gradativamente as barreiras enfrentadas pela juventude”, conclui Almir Munhoz. ■

Clube do Livro:

iniciativa que deu certo

Sozinha, funcionária da Telefônica montou uma pequena biblioteca em seu departamento

Emilio Franco Jr.

“As pessoas sempre podem ajudar de alguma maneira”. Foi por acreditar nisso que Sueli Souza, funcionária da área de relacionamentos da Telefônica da Avenida Paulista, tomou a iniciativa de criar em seu departamento uma pequena biblioteca, na qual disponibiliza quase mil títulos aos funcionários da empresa.

A idéia surgiu quando Sueli notou que em dias de frio ou chuva os funcionários não saíam para almoçar, permanecendo parados em frente aos computadores sem opção de lazer. Após uma pesquisa com seus colegas, descobriu que muitos se interessavam pela leitura, mas não tinham dinheiro para comprar exemplares. Foi assim que, há três anos, Sueli resolveu oferecer brindes para quem doasse um livro, e começou a guardar as doações em um pequeno armário. Atualmente, por meio de uma parceria com a Telefônica, as pessoas que doam ao menos cinco livros para o Clube ganham em troca uma



Josélia Paiva aproveita o tempo livre para dedicar-se à leitura

webcam. A parceria colhe resultado: em três meses, o acervo triplicou.

A funcionária destaca o apoio que teve por parte da empresa. “Quando apresentei o trabalho ao meu diretor e ao meu gerente, fui parabenizada. Como apoio, eles repassaram o projeto para as demais diretorias”. Sueli ainda luta para que seu Clube do Livro ganhe um espaço físico na empresa, e o sonho não parece estar longe de ser realizado. Em resposta à solicitação feita, a empresa se posicionou: “A Telefônica reconhece e valoriza a iniciativa e irá disponibilizar armários para que os livros possam ser guardados em condições adequadas, bem como organizados por temas”.

Os colegas de departamento de Sueli aprovam a criação da pequena biblioteca no setor. Josélia Paiva Oliveira Aquino afirma que a idéia do Clube foi maravilhosa. “Essa iniciativa cobre uma lacuna deixada pelo fechamento da biblioteca que funcionava na Telefônica da rua Martiniano de Carvalho”.

Sueli mantém seu pequeno acervo bem organizado. Todos os livros são catalogados em ordem alfabética, em uma planilha simples feita no computador. Quando alguém deseja fazer um empréstimo, Sueli envia a lista por email. O prazo de permanência com cada livro é de 30 dias, o aluguel é gratuito e o controle de devolução é feito por telefone ou email. “Quando passa o prazo e o livro não é devolvido, entro em contato com



a pessoa para perguntar como está a leitura. Pergunto se está gostando ou se quer trocar de livro. Se há pessoas esperando pra ler o mesmo livro, peço que devolva e que, posteriormente, solicite um novo empréstimo”.

A maioria dos pedidos de empréstimos é feita por telefone e os exemplares são enviados via malote, o que torna a movimentação no setor pequena. Mas, com o contínuo crescimento de sua biblioteca, um site será criado para divulgação e reservas online de livros. Josélia elogia a organização e diz que além de o Clube não atrapalhar o ambiente de trabalho, ainda traz benefícios a todos os funcionários. “É legal descobrir que muitos colegas de profissão têm interesses comuns. Passamos a trocar idéias e opiniões. A amizade com o pessoal cresce, o que deixa o ambiente mais gostoso e produtivo”.

Como prova de reconhecimento ao trabalho de Sueli, a Telefônica enviou um comunicado à sede espanhola informando a iniciativa de sua funcionária. Feliz com a repercussão e o sucesso de seu Clube do Livro, Sueli diz se sentir recompensada. “É muito gratificante. É maravilhoso ver as pessoas que não tinham o hábito da leitura e que hoje mostram grande interesse. A procura é imensa e isso me deixa muito satisfeita”. ■

Liberdade para falar



A portabilidade numérica faz aumentar a disputa entre as operadoras de telefonia

Emilio Franco Jr.

Aos poucos, os brasileiros estão se acostumando com um novo mecanismo no setor das telecomunicações: a portabilidade numérica. Agora, os clientes de telefonia fixa e móvel estão livres para trocar de operadoras sem perder o número de seu aparelho. No caso dos telefones fixos, a regra só funcionará nas localidades em que há mais de uma companhia, o que corresponde a 52% do território brasileiro. No caso dos celulares, a portabilidade terá um alcance bem maior, acirrando a concorrência entre as operadoras. No estado de São Paulo, a disputa entre as empresas será maior ainda, pois além da possibilidade de mudança de operadora sem a perda do número, a empresa Oi começou a operar na região.

A portabilidade numérica será implementada gradualmente. Algumas cidades do estado já desfrutam do serviço, entretanto a implementação do novo



sistema só estará completa em março de 2009. O DDD 11, que representa a capital paulista, será o último a disponibilizar a troca de operadora sem a necessidade de mudança do número atual. Segundo o cronograma da Anatel, isso ocorrerá em 2 de março.

Ivone Santana, jornalista especializada em portabilidade, diz que ao contrário do que algumas empresas de telefonia alegavam para tentar adiar a implementação do serviço, não há problemas técnicos para que os clientes mudem de operadora levando consigo o número de telefone. “A ativação do serviço começou pelas cidades de menor densidade populacional para que possíveis falhas pudessem ser corrigidas com relativa tranqüilidade, o que não seria tão fácil numa grande base de clientes”, afirma.

O procedimento para mudar de empresa é simples. O consumidor deve apenas comparecer à operadora que deseja ser cliente e informar a intenção de fazer a troca e manter o número antigo. Não há necessidade de um contato prévio com a atual operadora. O prazo para que a mudança seja realizada é de cinco dias úteis após a solicitação. Em caso de arrependimento, o cliente tem dois dias para cancelar o pedido. O consumidor é livre para mudar de operadora quantas vezes julgar necessário.

Para possibilitar essa mudança sem a necessidade da compra de um novo aparelho, os novos modelos de celulares já saem das lojas desbloqueados. As operadoras, preocupadas em manter e conquistar novos clientes, lançaram campanhas específicas para orientar as pessoas sobre a portabilidade numérica. A mais audaciosa das estratégias ficou por conta da caçula no mercado paulista: a Oi desbloqueia os aparelhos celulares de graça, sem exigir que a pessoa vire cliente da companhia. A idéia é deixar todos livres para decidir qual empresa tem as melhores tarifas e serviços.

“A Oi chega a São Paulo pouco antes de a portabilidade entrar em vigor na capital. A proximidade das datas, não por coincidência, é estratégica para a operadora, que não terá como barreira uma possível resistência dos clientes das concorrentes. As pessoas poderão tranqüilamente mudar de prestador de serviço e levar o número do telefone. É uma imensa oportunidade para a Oi”, argumenta Ivone.

Até o mês de novembro, pouco mais de 40 mil pessoas já haviam deixado suas antigas operadoras de telefonia móvel nas regiões em que o serviço estava disponível. Isso equivale a uma média de mil usuários trocando de operadora por dia. ■

BAURU E REGIÃO

Parque Vitória Régia é o cartão postal do município

Cidade sem limites

Por apresentar saída para os estados de Goiás, Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso do Sul, Bauru ficou conhecida por este carinhoso apelido. Possui cerca de 360 mil habitantes e ocupa uma área de 674 km²

Marco Tirelli

Localizada na região central do estado de São Paulo, Bauru, aos 112 anos, é a cidade do interior paulista com melhor estrutura para implantação de empreendimentos industriais e comerciais. Isso porque, em um raio de 400 quilômetros, concentra 60% do PIB nacional. Segundo o IBGE, 45.09% das empresas da cidade pertencem ao setor do comércio e 34.71% ao setor de serviços.

É na “cidade sem limites”, que no início do século XX abrigava um dos maiores entroncamentos ferroviários do continente, que está localizada uma das sete subsedes do Sintetel.

A regional de Bauru engloba 59 cidades, entre elas Avaré, Ourinhos, Marília e Presidente Prudente. “A minha área



O diretor regional Jorge Luiz Xavier visita o call center da empresa TEL para conversar com os trabalhadores

de atuação é bem grande, pois atendo todas as cidades que estão localizadas num raio de 500 quilômetros. Procuo visitar todas as localidades que tenham um contingente de pelo menos dez trabalhadores”, conta Jorge Luiz Xavier, diretor responsável pela subsede.

Também pertence a Bauru uma das equipes de futebol mais antigas do estado: o Esporte Clube Noroeste. Fundado em 1º de outubro de 1910, o dono do popular estádio “Panela de Pressão” já viu grande ídolos do esporte vestirem sua camisa. Foi no “Norusca” que o famoso “Furacão de 70”, apelido dado ao jogador Jairzinho e herói do tricampeonato mundial, atuou em 1978.

O DIA-A-DIA DA SUBSEDE

Na maior parte do tempo, os funcionários da subsede se preocupam em atender os trabalhadores de empresas como a TEL (prestadora de serviços à Telefônica). “Os trabalhadores desta empresa correspondem a 40% do total do efetivo da região. Como a rotatividade hoje em dia é grande, o trabalho cresce na mesma proporção”, explica Jorge.

A subsede possui uma estrutura completa e diversificada no atendimento ao público. Oferece apoio jurídico, realiza reuniões, visitas, além de disponibilizar os serviços

SUBSEDE DE BAURU

Atendimento: das 8h às 18h
Endereço: Rua Rio Grande do Sul, 4-60 – Vila Coralina – Bauru
Telefones: (14) 3231-1616
ou (14) 3231-1617
e-mail: sintetel_bru@uol.com.br

A regional abrange:

- 59 municípios
- 6 empresas
- 4 mil trabalhadores

das colônias de férias do Sindicato. A subsede também conta com um plantão jurídico e com a Comissão de Conciliação Prévia (CCP) nas cidades de Bauru e Araquara. Cerca de 30 casos são atendidos mensalmente pela CCP, e aproximadamente 80% deles obtêm sucesso.

Mas um legítimo dirigente sindical vai à base, ouve os trabalhadores, está sempre perto dos companheiros em reuniões, na distribuição de informativos e nas diversas atividades realizadas pela subsede, como entrega de brindes ou cartões em datas comemorativas como o Natal. E Jorge mostra que aprendeu bem a lição de casa. “Eu gosto de ouvir e conversar com o trabalhador. Eu utilizo muito deste contato nas reuniões com os empresários, pois levo o problema que os funcionários me transmitiram e não algo que eu apenas ouvi falar. Eu fico em cima mesmo, pois gosto de saber como

QUEM É O RESPONSÁVEL PELA SUBSEDE?



Jorge Luiz Xavier é funcionário da Telefônica há 29 anos. Após se formar técnico em eletrotécnica, em 1979, foi contratado para trabalhar na Telesp. Iniciou sua carreira na empresa como trabalhador da rede, desempenhou as funções de cabista, IRLA e atualmente seu cargo equivale ao de técnico em telecomunicações. Em 2000, destacado pelo trabalho que desempenhava como diretor adjunto, Jorge assumiu a regional de Bauru em substituição ao atual vice-presidente do Sintetel, José Carlos Guicho. O sindicalista comanda a regional acompanhado por mais 16 representantes sindicais na região.

as coisas acontecem para os trabalhadores”, afirma Jorge Luiz Xavier.

Apesar de concentrar-se nos trabalhadores efetivos, a regional estende a sua atuação a outros grupos e segmentos. “Temos alguns programas voltados exclusivamente para os aposentados, por exemplo. Proporcionamos aulas de



Equipe Sintetel: Jorge (diretor regional), Rosani (advogada), Dora (secretária), Ana Paula (secretária), Ana Cristina (estagiária) e Teresinha (secretária do Depto. Aposentados)

ginástica e contamos com uma média de 30 alunos que, assiduamente, frequentam essas aulas”, destaca Jorge.

O trabalho junto aos aposentados já

provou que está no rumo certo. Os eventos costumam atingir grandes proporções, como o encontro dos aposentados que ocorreu em meados de 2008 e reuniu cerca de 700 participantes.

BAURU CONTA COM HOSPITAL DE REFERÊNCIA



Prédio do Hospital “Centrinho”, referência junto à Organização Mundial da Saúde

Trata-se do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais (HPRLLP/USP), destacado como “Centro de Excelência no Atendimento” pela Universidade de São Paulo, e como “referência mundial” pela Organização Mundial da Saúde. Mais conhecido como “Centrinho”, o Hospital, formado por uma equipe multidisciplinar altamente qualificada, tem mais de 56 mil pacientes matriculados e presta atendimento a pessoas de todos os lugares do Brasil e exterior.

Também é reconhecido como centro de excelência dentro e fora do País.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Cidade ganhou fama pelo lanche

No início dos anos 30, Casimiro Pinto Neto saiu de Bauru rumo a São Paulo para cursar Direito na Faculdade do Largo São Francisco. O vínculo com sua terra natal era tão forte que ninguém o chamava pelo nome. Ele era conhecido simplesmente como “Bauru”.

Bauru era muito comunicativo. Não foi por acaso que escolheu a profissão de advogado e, posteriormente, radialista. Ele foi o primeiro “Repórter Esso” da capital paulista, trabalhou como diretor da Jovem Pan, que na época se chamava Rádio Panamericana, e também da TV Record. Tudo

isso na primeira metade do século passado, informa o historiador bauruense Luciano Dias Pires.

O sanduíche nasceu em 1933. O próprio Casimiro, falecido em 1983, contou como tudo aconteceu. “Estava com muita fome naquela noite e chegando atrasado ao bar [o famoso Ponto Chic, no Largo do Paissandu, em São Paulo] para uma partida de sinuca, quis comer algo substancioso e nutritivo. Cheguei junto ao cozinheiro e falei: abra um pão francês, tire o miolo e bote um pouco de queijo derretido dentro”. Carlos já ia fechando o

pão quando Casimiro disse: “Calma, falta um pouco



de proteína nisso, bota umas fatias de rosbife junto com o queijo”. Carlos já ia fechando de novo o dito pão, quando ele tornou a falar “falta vitamina, bota aí umas fatias de tomate”. O gosto ficou fantástico. Quando ia pedir o segundo sanduíche, chegou um amigo, que o provou e também gostou. Então gritou para um garçom do bar: “Me dê um desses do Bauru”. ■

Fonte: USP - Universidade de São Paulo



PACTO ABILITY E ICOMON

No dia 2 de outubro, a Ability e a Icomon assinaram, com a UNI Global e perante o Sintetel, o código de conduta de suas empresas no exterior. Pelo documento, elas se comprometem a respeitar os direitos trabalhistas dos países nos quais atuarão, permitindo, por exemplo, que seus empregados se filiem a sindicatos. Mais de mil trabalhadores serão beneficiados pelo acordo global, o primeiro assinado por empresas brasileiras.

ELEIÇÕES NA ABET

No mês de agosto, a ABET (Associação Beneficente dos Empregados em Telecomunicações) realizou eleições gerais para a escolha dos conselhos de administração e fiscal. A chapa encabeçada pelo vice-presidente do Sintetel, José Carlos Guicho, foi eleita com maioria expressiva dos votos e comandará a Associação nos próximos quatro anos.



LINHA DIRETA EM REVISTA NO PLANALTO



O diretor do Sintetel, Mauro Cava de Britto, entrega ao ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, a terceira edição da revista Linha Direta. O ministro elogiou a publicação pela qualidade, beleza e diversificação das matérias.



CICLO DE SEMINÁRIOS DOS APOSENTADOS

Em 2008, o Sintetel realizou o VII Ciclo de seminários dos aposentados. Ao todo, os eventos de todas as subseções reuniram cerca de três mil trabalhadores. Almir Munhoz, presidente do Sintetel, correspondeu às expectativas dos presentes e afirmou: “Nunca deixaremos de fazer estes seminários, pois nossas forças se renovam ao participar deste tipo de evento”.



“Nossa missão é fazer com que a lei de cotas seja cumprida dentro das empresas. Através do Pacto de Inclusão, que assinamos com o apoio do Sintetel, um segmento inteiro se empenhará no cumprimento da legislação”.

Luciela Rodrigues Jaime, Superintendente Regional do Trabalho e do Emprego de São Paulo, sobre o Pacto Coletivo para a Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho

PARALISAÇÃO NA CONTAX

No dia 25 de agosto, os trabalhadores da Contax pararam suas atividades em protesto ao Acordo Coletivo 2008/2009 proposto pela empresa. Dentre as queixas apresentadas, destacava-se um valor irrisório para vale-refeição. Porém, com a intervenção do Sintetel, um novo Acordo Coletivo foi firmado e, desde setembro, o tíquete passou a ser R\$ 3. A partir de janeiro de 2009, o vale-refeição passará para R\$ 3,30.



ACORDO COLETIVO 2008/2009 NOS TELECENTROS



Com uma pequena margem de aprovação, os trabalhadores em call centers aceitaram o novo Acordo Coletivo 2008/2009 negociado entre o Sintetel e as empresas do setor. A partir de janeiro de 2009, o piso salarial será de R\$ 480. Também ficou estabelecido vale-refeição diário de R\$ 10 (para trabalhadores que cumprirem jornada mensal de 220 horas) e abono salarial de R\$ 250 (a ser pago de acordo com critérios particulares firmados com as empresas).

DIA DO TELEOPERADOR

No dia 4 de julho comemora-se o Dia do Teleoperador. A data foi criada para ampliar a discussão sobre as condições de trabalho destes profissionais. A subsede da Baixada Santista celebrou o dia com os trabalhadores da Atento SERA. A festa, que reuniu cerca de 250 pessoas, teve direito a bolo de aniversário e refrigerantes.





Processo eleitoral do Sintetel legitima Chapa 1, Unidade na Luta, com 96% dos votos válidos. Nova diretoria assume em agosto de 2009

Renovação e competência

Nova diretoria une experiência, juventude e trabalho sem perder a sua essência

Da Redação

A Chapa 1, Unidade na Luta, foi confirmada pelo voto da categoria nas eleições sindicais que aconteceram nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2008. Almir Munhoz, atual presidente do Sindicato, foi reconduzido

Diretores Regionais: união para enfrentar um novo tempo



Mauro Cava de Britto (ABCDM), Elísio Rodrigues de Souza (Campinas), Eudes José Marques (Vale do Paraíba), Genivaldo Aparecido Barrichello (Baixada Santista), Jorge Luiz Xavier (Bauru), José Roberto da Silva (Ribeirão Preto) e Ismar José Antonio (São José do Rio Preto)

ao cargo pelos trabalhadores que legitimaram seu trabalho e sua trajetória de luta. “Conseguimos um bom quórum na eleição. O trabalho só está começando. Vamos preparar o próximo mandato, já que temos várias atividades a serem realizadas com as empresas do setor.

É uma responsabilidade muito grande. O número de eleitores do Sintetel é maior que de muito município. Estamos felizes pelo trabalhador ter confiado a nós mais um mandato. Levaremos nosso trabalho a sério e corresponderemos ao anseio do trabalhador”, afirmou.

A nova diretoria do Sindicato traz uma renovação de 60% dos membros, sendo 30% deste total representado por mulheres. Eles assumirão a direção do Sindicato em agosto de 2009 e enfrentarão um conjunto de desafios,

seja pela alteração das leis trabalhistas, das regras de organização sindical ou pela chegada de novas e grandes empresas do mercado.

DIRETORIA REAFIRMA SUA PLATAFORMA DE TRABALHO

O próximo quadriênio será marcado por inovações e investimentos.

Diretoria de Aposentados: continuidade e carinho pelas tradicionais atividades



Germar Pereira da Silva, Benício Florêncio Salles, Raimundo Francisco Alves e Gilmar Rodrigues

Diretoria Executiva do Sintetel e suas perspectivas

Linha Direta em Revista conversou com todos os componentes que comandarão o Sindicato nos próximos anos. A seguir, os principais trechos das entrevistas.



Almir Munhoz, presidente

Trajetória: Começou como militante sindical na greve do setor de telecomunicações em 85, quando tinha 25 anos e ingressou no Sintetel como delegado sindical. Depois de diretor e vice-presidente foi reeleito presidente do Sindicato.

Propostas: “Teremos um período de trabalho muito forte, já que o futuro econômico do país foi abalado com a crise. Lutaremos pela manutenção dos empregos e pela aprovação da lei que rege hoje as determinações da situação sindical no relacionamento com os trabalhadores e com as empresas, pois as mudanças virão e devemos estar atentos.”

Gilberto Dourado, vice-presidente

Trajetória: Destacou-se no movimento sindical quando tinha 27 anos, desempenhou vários cargos no Sintetel e na Fenattel, na qual foi eleito presidente em 2004.

Proposta: “Nós temos muitas expectativas com as mudanças do setor, como é o caso da nova lei dos call centers. Porém, nós e todo o País, teremos que tomar muito cuidado com a crise econômica. Temos que garantir a manutenção dos empregos em favor de acordos mais positivos para a categoria.”



José Carlos Guicho, diretor de finanças

Trajetória: Formado em Ciências Contábeis, entrou para o sindicato em 1978 como colaborador, aos 22 anos. Foi representante do Sintetel em Presidente Prudente e diretor regional de Bauru.

Proposta: “A nossa votação foi muito expressiva, o que redobra nossa responsabilidade. Em 2009, teremos que mostrar como a ação sindical é relevante na vida do trabalhador, já que acompanharemos de perto o movimento da crise econômica. Nós não podemos nem subestimá-la e nem superestimá-la. Teremos que ficar de olho nas empresas.”

Marcos Milanez, secretário-geral

Trajetória: Começou a trabalhar na Telesp em 1989, após a privatização se tornou funcionário da LogicTel. Começou seu trabalho no Sintetel em 1991, como delegado sindical.

Proposta: “Em termos de representatividade, há uma mudança muito grande. Nós daremos um salto qualitativo, pois teremos maior interação com a base. Agora, a nossa diretoria está muito bem representada por esse lado feminino, já que o número de trabalhadoras na nossa categoria aumenta cada vez mais.”



Cristiane Nascimento, diretora-secretária

Trajetória: Entrou para o Sintetel em 1993, assim que foi admitida na Telesp. No ano seguinte, foi convidada para ser delegada sindical e em 2005, tornou-se diretora de base.

Proposta: “Nós queremos trazer inovações e novas atuações frente à ação sindical. Também queremos aprender muito com os diretores que já atuam na área há algum tempo e poderão nos mostrar bons caminhos a serem seguidos.”

Fábio de Oliveira, diretor social

Trajetória: Ingressou no setor de telecomunicações no início de 2003, trabalhando na empresa Atento. Iniciou sua ação sindical como delegado, no ano de 2004.

Proposta: “Essa nova diretoria vem para lutar pelo fortalecimento da categoria, nós viemos para somar e aprender com essa diretoria que já atua há algum tempo. Nós traremos mudanças, e esse está sendo e será meu maior incentivo, lutar por coisas novas.”



Joseval Barbosa, diretor das relações sindicais

Trajetória: Natural de Arapiraca (AL) mudou-se para São Paulo em 1971. Foi metalúrgico e desde 1979 trabalha no setor de telecomunicações. Está no Sintetel desde 1982, onde atuou nos mais diversos cargos.

Proposta: “A nova diretoria tem que estar muito unida e engajada, pois os novos anos trarão muito trabalho, 2009 será um dos períodos mais trabalhosos para o Sintetel, e nós devemos estar atentos à defesa dos direitos dos trabalhadores.”

“Existem várias mudanças que teremos que enfrentar no decorrer de nosso próximo mandato e, por isso, elaborarmos um plano de trabalho atual, coerente, moderno e empreendedor”, afirma Almir Munhoz. A seguir, destacamos alguns dos principais pontos da plataforma de trabalho que será implementada:

• **Conquistas e direitos:** ampliar a luta pela unificação e aumento do piso salarial da categoria, do PPR/PLR e demais benefícios;

• **Comissão de Conciliação Pré-*via*:** organizar seminários com o intuito de esclarecer empresas, advogados e a população em geral;

• **Comunicação:** ampliar os canais de participação da página do Sintetel na web e investir em novas tecnologias online, como intranet, vídeos e chat;



O Conselho de Organização Sindical nos Locais de Trabalho (COSLT) é a sustentação do Sindicato na base

• **Novas lideranças:** revelar novas e comprometidas lideranças sindicais, além de continuar qualificando as já existentes;

Secretarias: sangue novo e experiente para a realização de projetos



José do Paraíso (Formação Sindical), Maria Edna (da Mulher), Ana Maria (Patrimônio e Desenvolvimento Econômico), Áurea (Assuntos Assistenciais), Kátia (Esporte, Turismo e Lazer), Marlin (Higiene e Medicina do Trabalho) e Welton (Jurídica)

• **Jurídico:** melhorar ainda mais as condições de atendimento ao associado;

• **Negociações:** o departamento já foi ampliado com novas salas para 8, 15 e 50 pessoas;

• **Qualificação Profissional:** ampliar os programas de inclusão social com investimentos em novos cursos;

• **Saúde do Trabalhador:** intensificar o trabalho com o CEREST (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador), promovendo uma política de atendimento aos trabalhadores com afastamento médico. Definir política de abertura e acompanhamento das CATs (Comunicação de Acidente de Trabalho) e intensificar o mapa de saúde nos teletatendimentos;

• **Mulheres:** ampliar as atividades do dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher) e 25 de novembro (Dia da Luta pela Eliminação da Violência Contra a Mulher). Expandir o espaço da mulher nas publicações e intensificar as atividades da Secretaria;

• **Juventude:** criar um espaço dedicado à troca de conhecimento e promover o desenvolvimento pessoal e a qualificação em programas sobre a realidade vivida pelos jovens no setor de telecomunicações;

• **Cultura e Lazer:** organizar política cultural com oficinas de teatro, envolvendo roteiro, cenografia e iluminação. Organizar

festivais de música e atividades esportivas para associados de todas as empresas;

• **Patrimônio coletivo:** ampliar e modernizar a sede social, além de unir esforços para construir uma Colônia de Férias no interior. Fortalecer o trabalho das subsedes.

Pelos pontos apresentados, a nova diretoria do Sintetel está apta a enfrentar os novos tempos.■



As mulheres representam 30% da nova diretoria eleita

A nova licença-maternidade

Lei garante seis meses de afastamento para servidoras públicas e funcionárias de empresas privadas

Larissa Armani

As futuras mães já podem comemorar. Em 9 de setembro de 2008, foi sancionada pelo presidente Lula a nova lei para licença-maternidade que passa a vigorar no País. Criada através de um projeto de lei proposto pela senadora Patrícia Saboya (PDT-CE) em 2007, a nova licença aumenta para seis meses (180 dias) o afastamento das gestantes. Para o presidente do Sintetel, Almir Munhoz, essa é uma vitória significativa: “A decisão que amplia a licença é, sem dúvida, a mais importante conquista trabalhista dos últimos tempos”.

A licença-maternidade, criada em 1934 pelo Presidente Getúlio Vargas, garantia apenas 90 dias de licença. Porém, com a reforma na Constituição Federal em 1988, a licença passou a assegurar quatro meses (120 dias).

Apesar das mudanças, o Brasil sempre se destacou como um dos países que garantem melhor benefício para as gestantes. Na Argentina, por exemplo, o período é de apenas três meses remunerados, mesmo número de dias assegurados nos Estados Unidos, só que sem remunerar as trabalhadoras. Já a Austrália oferece uma das maiores licenças, 13 meses, no entanto as mulheres ficam afastadas sem receber o salário.

ENTENDA A NOVA LEI

O novo período aprovado contempla funcionárias públicas e de empresas privadas. As trabalhadoras autônomas e domésticas não terão direito ao período estendido. Para as servidoras públicas, a nova lei entrou em vigor no dia seguinte à sanção. Porém, para as empregadas de instituições particulares, o novo benefício só será válido a partir de 2010.

Para que a nova licença seja aplicada para as funcionárias de empresas privadas, essas instituições não poderão estar enquadradas no Simples Nacional (regime diferenciado de tributação para micro e pequenas empresas) e deverão se inscrever no Programa Empresa Cidadã. A jurista Adriana Preti Nascimento explica o porquê da restrição: “As empresas privadas que aderirem ao Programa terão incentivos fiscais, que, no entanto, já são creditados às empresas do Simples”.

Essa nova lei é facultativa para o setor

privado e, por isso, as empresas que se inscreverem no Programa deverão custear os 60 dias adicionais para suas funcionárias. Como atrativo para maior adesão ao projeto, os empregadores poderão abater o valor despendido integralmente do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica. Além disso, não vai incidir o imposto patronal, de 20%, nem o Seguro Social (INSS) sobre o valor bruto do salário.

BENEFÍCIOS

O pedido para ampliação da licença deve ser feito no primeiro mês após o parto. As mulheres assistidas não poderão exercer atividade remunerada durante o afastamento, e as crianças não poderão ser deixadas em creches. Para o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Dioclécio Campos Junior, esse tempo estendido “é necessário para estabelecer o vínculo afetivo entre mãe e filho, essencial para proporcionar às crianças os estímulos indispensáveis ao desenvolvimento emocional”. ■

Em tempo: No final de novembro, foi proposta pela senadora Serys Slhessa-renko (PT-MT) uma emenda à recém-aprovada lei maternidade de 180 dias. A proposta, que já foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), prevê que o novo período destinado às gestantes deixe de ser opcional para as trabalhadoras de empresas privadas. O objetivo é que a licença se torne obrigatória para todas as mulheres que atuem em qualquer área da economia, e que contribuam para a Previdência Social. A matéria ainda será avaliada pelo Senado em dois turnos, e pela Câmara dos Deputados.

PERFIL

“Lugar de mulher não é na cozinha, é no Sindicato”

Com esta manchete, o jornal do Sintetel anunciou, em 1986, a entrada da primeira mulher na diretoria executiva. Sem saber, Gonçala Aparecida Cruvinel escrevia o seu nome na história da entidade.

Marco Tirelli,
com colaboração de
Amanda Santoro e Larissa Armani

Gonçala Aparecida Cruvinel nasceu em São Paulo, no dia 15 de novembro de 1945, no bairro da Vila Pompéia. Foi na própria cidade natal que a futura sindicalista começou a sua trajetória de luta. “Fiz Letras na USP, mas como trabalhava na Telesp desde janeiro de 1967, nunca exerci a profissão. Estudei na Universidade de São Paulo em uma época que os estudantes lutavam contra a ditadura, mas minha participação política no movimento estudantil não foi tão direta”, conta.

Em paralelo aos estudos, Gonçala concretizou a sua entrada no Partido dos Trabalhadores. “Comecei a freqüentar os núcleos de formação do PT e fui aos primeiros comícios do presidente Lula no ABC. Os diretórios do partido começavam a se formar, e eu entrei para o núcleo sindicalista”, acrescenta.

MILITÂNCIA

Como membro do PT, Gonçala passou a chamar os trabalhadores da Telesp a fazerem oposição à diretoria do Sindicato que ocupava o po-

der há quase 20 anos. Na época, o presidente do Sintetel era Rubens de Biasi. “Em 1981, concorri às eleições sindicais na oposição com um grupo formado na empresa. Perdemos para a chapa liderada pelo Geraldo de Vilhena Cardoso [presidente do Sintetel de 1981 a 1987]. Mesmo assim não desisti. Em 1982, ingressei no quadro de delegados sindicais”, diz.

No ano de 1984 aconteceram novas eleições sindicais, e Gonçala foi chamada por Geraldo para compor a chapa. “Como estava no grupo da oposição, conversei com nossos líderes e disse que havia sido convidada para participar das eleições pela situação. Eles autorizaram a minha ida, pois não teríamos força para montar uma nova chapa”, relembra.

MULHERES CONQUISTAM ESPAÇO

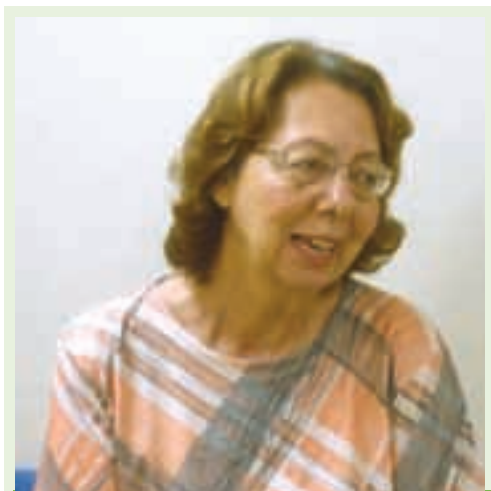
Em meados dos anos 80, o Sintetel criou o Departamento Feminino, que, posteriormente, foi elevado à Secretaria da Mulher na gestão de Osvaldo Rossato [presidente do Sindicato de 1987 a

1997]. Ainda em sua gestão, o Dia Internacional da Mulher ganhou uma comemoração oficial na entidade. “A Gonçala foi o alicerce para a mulher dentro do sindicato, ela foi a nossa protagonista. Sem dúvida, foi o germe para a participação das mulheres no Sintetel”, conta o ex-dirigente sindical.

Assim como na Diretoria Executiva, quando assumiu o cargo de diretora-secretária, Gonçala foi pioneira na direção do novo espaço. “Quando entrei no movimento sindical, tratava-se de um lugar predominantemente masculino, e a mulher tinha medo de participar, pois achava que era coisa de homem. Foi extremamente difícil, mas tivemos que ensinar às mulheres a lutarem e con-



Participação no 1º Congresso da Mulher Trabalhadora da CGT, realizado em 1986, em São Paulo



Gonçala Aparecida Cruvinel, em foto recente, durante entrevista realizada no Centro de Convívio de Aposentados do Sintetel



Militância na greve ocorrida nos anos 90 pela reposição das diferenças salariais em decorrência da aplicação dos índices da URP (Unidade de Referência de Preço)

quistarem seus direitos”, conta.

Em 1986, a dirigente sindical foi convidada por Joaquinção [Joaquim dos Santos Andrade, presidente da CGT na época] a fazer parte da Central Geral dos Trabalhadores. Na CGT, Gonçala ajudou na organização das mulheres com a criação do Departamento Feminino e, posteriormente, da Secretaria da Mulher.

O seu trabalho estava apenas começando. Ainda em 1986, ela compôs a comissão organizadora do 1º Congresso da Mulher Trabalhadora da CGT, que foi realizado em São Paulo. Participaram cerca de quatro mil mulheres trabalhadoras de todo o Brasil, marcando o encontro como o maior congresso feminino da história do movimento sindical internacional. “Foi através dele que estabelecemos metas para todo o país, pois criamos departamentos femininos nos Sindicatos e ampliamos o espaço da mulher dentro das diretorias executivas”, ressalta.

Para dar embasamento à sua militância, a então secretária da mulher participou de encontros femininos

em diversos Sindicatos e viajou para Israel e EUA, por exemplo, que já se encontravam em situação mais avançada quanto à questão feminina. “Nós, do Sintetel, juntamente com as mulheres dos sindicatos filiados à CGT, participamos da discussão da Constituinte e conseguimos ampliar a licença-maternidade para 120 dias”, destaca. A partir do pontapé inicial dado anos anteriores, o espaço das mulheres não parou de crescer: ganhou ainda reuniões mais específicas e um espaço fixo no jornal do Sintetel.

APOSENTADORIA

No ano de 1998, a Telesp foi privatizada e os espanhóis da Telefônica implantaram um Plano de Demissão Incentivada. Por já se encontrar aposentada e com problemas familiares, Gonçala assinou o PDI e, em janeiro de 1999, solicitou o desligamento da

empresa e do Sindicato.

No início de 2000, após um curto período de transição, a diretora-secretária Cenise Monteiro de Moraes acumulou o cargo de secretária da mulher e deu prosseguimento ao trabalho. Cenise relembra as resistências que Gonçala encontrou para construir a base feminina no Sintetel “pois precisou organizar as mulheres que começavam a chegar ao movimento numa época em que o machismo era predominante em todas as categorias profissionais”.

No movimento sindical, a primeira secretária da mulher é lembrada com carinho pelos companheiros. “Nós nos tornamos amigas de verdade. Ela era muito querida no Sindicato, todo mundo reconhecia a sua educação e tolerância”, afirma Maria Francisca Berbel Garcia, ex-delegada sindical. ■

“O sindicalismo é uma coisa que entra no sangue e não sai mais. Foi uma luta que valeu a pena. Foi um período da minha vida que eu não esqueço e agradeço a Deus”

Humanização no Atendimento

Setor de RH renova estrutura e facilita vida do trabalhador

Larissa Armani

Para quem já teve que recorrer ao setor de Recursos Humanos da empresa na qual trabalha, sabe que nem sempre o processo de atendimento é dos mais fáceis. O ambiente destinado à área, na maioria das vezes, é extremamente impessoal, com um atendimento que beira o cinismo. Todos esses entraves tornam a área de assistência aos funcionários o oposto daquilo que deveria ser: um canal aberto de comunicação para a empresa facilitar sua relação com o empregado.

O Sintetel já lutava nessa frente há algum tempo, em busca da defesa do trabalhador que não tinha o merecido atendimento dentro de sua própria empresa. José Carlos Guicho, vice-presidente do Sintetel, afirmou que uma solicitação já havia sido feita junto à diretoria da empresa para que medidas fossem tomadas, “pois só assim empresa e fun-

cionário poderiam ter um bom relacionamento, é uma questão de fidelizar o trabalhador, e o sindicato quer e deve participar desse processo”.

Para acabar com essa barreira e destruir um conceito negativo que os funcionários tinham da área de RH, a Atento Belém decidiu inovar. Uma nova estrutura física foi criada e pensada para garantir o melhor atendimento. Antes, quem procurava a área de “Administração de Pessoas” da empresa, ficava desconfortável: balcão e vidro separavam as pessoas, e quem procurava o serviço tinha que ficar o tempo todo de pé. O vidro, que antes afastava, foi retirado, e agora as pessoas podem se sentar. Um quadro de anúncios também foi montado para esclarecer possíveis dúvidas.

Através dos comentários positivos generalizados e da boa repercussão dentro do sindicato, a melhora foi considerada significativa. Alessandra Pavanelli, responsável por implementar e gerenciar o espaço do site Belém, disse que ficou espantada ao perceber como pequenas modificações fazem tanta diferença: “É impressionante como um ambiente mais acolhedor modifica tudo. Nós tiramos um vidro e o comportamento das pessoas mudou, elas não chegam mais tão



Nova estrutura de atendimento agradou aos trabalhadores da Atento Belém

nervosas, e ao se sentarem e sentirem que serão bem tratadas, já mudam o caráter agressivo da queixa”.

A idéia é executar também uma reestruturação na forma de atender e no tratamento prestado dentro da área. Para Esdras Veloso, teleoperador, não há como comparar o modelo antigo e o atual: “O espaço ficou mais acessível, dá para conversar melhor e com mais calma”. Com a repercussão positiva dentro da rede, as mudanças serão expandidas para os outros sites.

A iniciativa de humanizar o processo foi pioneira, mas já era discutida há algum tempo pela diretoria da Atento, conforme afirma Andréa Cunha, gerente de RH: “Nós tínhamos a idéia de otimizar o processo de relacionamento com os funcionários, que, satisfeitos, alinham-se com os objetivos da empresa, e espero que nós possamos trabalhar melhor essa comunicação a partir de agora. O RH tem que ser visto como um aliado do trabalhador, e não inimigo”. ■



Na foto, Maria de Fátima Sá, Isabel Cristina dos Santos e Áurea Barrence, representantes do Sintetel, ao lado de Alessandra Pavanelli e Andréa Cunha, diretoras da Atento, no novo espaço dedicado ao RH

Sobre a conjuntura

JOÃO GUILHERME*

Assuntos não faltam. Vejam a reforma ortográfica, mas é melhor esperar a edição prevista para fevereiro do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa pela Academia Brasileira de Letras porque a reforma e o acordo ortográficos mais complicaram que simplificaram.

Poderíamos falar sobre a eleição do Baraca nos Estados Unidos, mas isso já tem sido muito comentado e ainda o será cada vez mais.

Ou a plataforma unitária de 18 pontos das centrais sindicais para enfrentar a crise e que serviram de bandeiras para a 5ª Marcha dos Trabalhadores em Brasília; aqui não se trata de fa-

“A unidade de ação das diferentes direções sindicais e a mobilização dos trabalhadores na base potencializam os efeitos estruturantes do momento de transição pelo qual passa o movimento sindical”

lar, mas de agir de maneira articulada com o movimento sindical em defesa do emprego, dos direitos e conquistas, do PAC, dos investimentos públicos e do desenvolvimento com distribuição de renda.

Poderíamos falar sobre isto tudo e mais o mundo. Mas quero falar sobre conjuntura.

Em cada conjuntura política, econômica ou social, os elementos estruturantes se arranjam de maneira diferente e, a este arranjo, somam-se também os elementos específicos da própria conjuntura.

O movimento sindical dos trabalhadores ilustra bem esta verdade na fase de transição que está passando. Os dados fundamentais da economia têm se refletido de maneira positiva nas iniciativas correntes; estas, por sua vez, reforçam a dinâmica que vinha sendo criada pelo crescimento econômico, pela criação de empregos formais e pelos aumentos reais de salários conseguidos pelos trabalhadores. A unidade de ação das diferentes direções sindicais e a mobilização dos trabalhadores na base potencializam os efeitos estruturantes e embora não consigam, de um só golpe resolver o desequilíbrio existente entre os aspectos institucionais do sindicalismo e o movimento real dos trabalhadores e muito menos de maneira mágica afastem a crise, contribuem com ênfase na



execução destas tarefas.

A conjuntura exige ações que valorizem os aspectos conjunturais e reforcem os elementos estruturantes que atuam a nosso favor; o pior dos erros seria contrapor o “estruturante” ao “conjuntural”, o que nos confundiria. Ou, o que é pior, agir com alarmismo e sem espírito de resistência. Porque sabemos o que queremos (e devemos saber), porque representamos amplos e legítimos interesses e porque contamos com a experiência unitária devemos agir de maneira conseqüente e firme. As eventuais dificuldades – e elas existem – também só podem ser enfrentadas com base no acúmulo positivo de forças. ■

**João Guilherme Vargas Netto é assessor sindical do Sintetel e de outras entidades de trabalhadores.*

MERCADO

Os respingos da crise financeira

Movimento sindical brasileiro propõe medidas de combate ao colapso econômico deflagrado pelos EUA

Da Redação

A turbulência que se instalou no cenário econômico mundial não é resultado de um único momento de crise. A forma como o mercado internacional foi construído ao longo dos anos, através de uma rede de negociações interconectada, fez com que efeitos devastadores chegassem aos quatro cantos do mundo. A atual crise, que explodiu com a quebra do banco Lehman Brothers em 15 de setembro passado, já vinha desde 2007 com a bolha do crédito imobiliário americano.

O Banco Central dos Estados Unidos estimulou durante muito tempo, até mesmo para pessoas que não tinham renda para financiar empréstimos, a compra de

casas e apartamentos. O BC norte-americano possibilitava a compra de imóveis oferecendo como garantia o próprio imóvel. Essa facilidade para a compra, junto com o aumento dos juros e a falta de crédito real da população, fez com que os chamados "títulos podres" dominassem o mercado estadunidense.

Os cidadãos norte-americanos não conseguiam mais quitar as prestações de suas casas em dia e, com isso, foram obrigados a devolver os imóveis, que ficavam desocupados sem haver quem os comprasse. Com a estagnação do mercado imobiliário, com o socorro do governo norte-americano à seguradora AIG e com a quebra do banco Lehman Brothers, o alarmismo geral foi instalado.

A crise mundial gera opiniões que se dividem com relação à sua gravidade. Mas quando se fala das conseqüências que o mundo sofrerá, o discurso é quase unânime.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRISE

O professor do departamento de Economia da PUC-SP, Jason Borba, pertence ao grupo de estudiosos que enxerga a crise como uma fatalidade brutal para

todas as economias do globo, principalmente para aquelas que se encontravam em estágio de expansão, como a brasileira. Para ele, todos devem ficar atentos a prováveis efeitos colaterais, preparando-se para lidar com um possível quadro de demissões em massa e quebra de algumas instituições financeiras, o que significaria uma queda abrupta nos empréstimos e dinheiro em circulação.

Há também aqueles discursos que apontam tanto aspectos positivos quanto negativos. É o caso de Francisco Fonseca, cientista político e professor da Faculdade Getúlio Vargas. Ele aponta para um momento de instabilidade inevitável, em que o modelo vigente de capitalismo passará por uma mudança brusca. Fonseca diz que essa quebra de valores trará à tona questões como a precarização dos contratos de trabalho e a revisão dos pisos salariais. Ainda segundo o professor, esse será o momento em que os sindicatos deverão ter mais voz ativa para representar a classe trabalhadora frente aos novos quadros político-econômicos que podem ser construídos num momento pós-crise.

Porém, ainda não há como dimensionar o tamanho da turbulência econômica e os meios de seu enfrentamento sem verificar a real situação de caixa dos



Francisco Fonseca, cientista político e professor da FGV, declara que a instabilidade econômica é inevitável

CRISE DE 1929 X 2008

Vale frisar que a atual instabilidade do mercado financeiro internacional é diferente da crise de 1929, quando a bolsa de Nova York quebrou. Naquela ocasião, o que se presenciava era uma crise de demanda, efeito da superprodução. Havia muitos produtos disponíveis para venda, mas pouquíssimas pessoas interessadas ou em condições de comprá-las. O que se vê hoje é uma crise de oferta, na qual os bancos deixaram de ter condições de disponibilizar crédito às pessoas. Isso criou um ciclo em que as instituições sofreram calotes, não tendo liquidez para honrar suas dívidas.

países. É certo que China e Brasil, por exemplo, estão em condições de reagir rapidamente, deslocando recursos e crédito para o mercado. Entretanto, ninguém está totalmente blindado. O jornalista e assessor sindical João Franzin, em artigo publicado pela Agência Sindical, destaca alguns pontos interessantes quanto ao diagnóstico desta situação. “Primeiro, a crise tem seu epicentro nos Estados Unidos e não se sabe ainda qual a potência de sua irradiação ou o tempo que levará para atingir os emergentes (China, Brasil, Rússia, Índia etc.). Segundo, deve-se medir a real capacidade econômica desses países periféricos – suas economias domésticas, o nível de crescimento econômico ou suas reservas”, constata.

Ao visualizar a situação pela qual passa o país é possível identificar traços diagnosticados por todos os teóricos apresentados. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), que funciona

como uma espécie de termômetro para a medição da economia brasileira, sofreu quedas seguidas e fez com que o dólar atingisse a casa dos R\$2,50. Isso significa uma desvalorização em torno de 20% do Real em relação ao Dólar.

No setor automobilístico, as férias coletivas foram adotadas pelas grandes montadoras, pois a demanda de automóveis no mercado caiu e não há fluxo de produção. Outros setores afetados pela turbulência instalada são a construção civil e as empresas de bens consumíveis, como a Sadia, que encerrou o trimestre passado com um prejuízo de R\$ 777,4 milhões.

Já no setor das telecomunicações, porém, os alarmes não se mostraram tão grandes. As empresas de call center continuam a contratar e as companhias de telefonia móvel e fixa expandem cada vez mais o número de sua clientela. Em comentário diário na rádio CBN, o consultor e jornalista especializado em novas tecnologias Ethevaldo Siqueira confirma estes fatos. “As telecomunicações, após quase três meses estridentes de crise, ainda não sentiram o impacto da instabilidade”. Ethevaldo ainda destaca que a telefonia celular será uma das áreas mais intocadas pelos sintomas atuais, já que em outubro passado expandiu mais dois milhões de linhas.

Por fim, mede-se melhor a crise ao se verificar o que mudou, de



João Franzin, assessor sindical e jornalista, analisa o cenário econômico mundial e defende que as economias emergentes devem esperar para fazer avaliações

fato e concretamente, na nossa vida particular: em casa, na rua ou em nosso bairro. O discurso aterrorizador propagado pela grande mídia deve ser escutado com cautela. “Há aqueles que, a respeito da crise, falam em chuvisco e há os que falam em chuva forte. Mas o alarmista descreve trombas d’água de uma intensidade diluviana. Para ele não há Noé nem sua arca, é o fim do mundo. O alarmismo exagera aspectos relevantes e intoxica a mente com relações estapafúrdias, confundindo a torto e a direito”, completa o assessor sindical João Guilherme Vargas Netto.

MOVIMENTO SINDICAL SE MOBILIZA PARA ENFRENTAR A CRISE

As Centrais Sindicais se reuniram com o presidente Lula, no dia 26 de novembro de 2008, para apresentar o documento unitário de reivindicações dos trabalhadores e propostas para o enfrentamento da crise. O saldo do encontro aponta para a adoção de providências concretas, como a queda da taxa de juros, a ampliação das parcelas do seguro-desemprego e a melhoria nas faixas da tabela do Imposto de Renda. Com relação à taxa de juros, por exemplo, é possível que ela caia cerca de dois pontos percentuais. ■



Crédito: Carlos Mello

O professor de economia Jason Barbosa alerta sobre possíveis demissões em massa e quebras de instituições financeiras

Terceirização ainda causa polêmica

Ministério do Trabalho atualiza o Projeto de Lei 4.302/98, mas ainda há controvérsias. Se o documento for aprovado, as empresas contratantes de serviços terceirizados também deverão garantir benefícios aos trabalhadores

**Marco Tirelli e
Amanda Santoro**

há pelo menos dez anos se discute, tanto no Senado quanto na Câmara, um projeto de lei que regulamente a terceirização e o trabalho temporário. Nesses anos, alguns projetos foram apresentados, mas nenhum alcançou a definição legal.



Os mais abrangentes ficaram a cargo dos deputados federais Sandro Mabel (PL 4.330/04), do PR-GO, e Vicentinho (PL 1.621/07), do PT-SP.

O mais recente capítulo desta história coube ao Ministério do Trabalho e Emprego, que assumiu a dianteira e tentou resolver o impasse. Em busca de um consenso entre governo, trabalhadores e empresários, o MTE apresentou um novo texto com os principais pontos dos projetos existentes.

O objetivo desta medida é destravar o processo, regulamentar definitivamente a questão no setor privado e acabar com a exploração das empresas de fachada (chamadas “gatos”). “Elas funcionam durante um período, abrem falência e seus responsáveis desaparecem deixando os trabalhadores sem nenhum direito”, afirmou o ministro do Trabalho Carlos Lupi, em entrevista ao jornal Valor Econômico.

PL GARANTE FGTS E 13º SALÁRIO

De acordo com o projeto do Executivo, se a empresa contratada não pagar os encargos aos trabalhadores terceirizados, estes últimos poderão

cobrar seus direitos da empresa contratante. O PL, que pretende garantir os mesmos benefícios a todos os trabalhadores, obriga as empresas a pagarem o FGTS e a contribuição ao INSS. As contratantes também devem assegurar aos terceirizados os direitos garantidos pela convenção coletiva da categoria participante.

Um fato novo é que, com o novo projeto, as empresas disponibilizarão serviços específicos. Ou seja, deverão relacionar previamente as atividades para que não haja desvio de função. Os contratos ainda precisam especificar o prazo de duração e o controle do pagamento de salário aos empregados (além do FGTS e contribuição previdenciária). Deste modo, um porteiro terceirizado não poderá exercer a função de faxineiro, por exemplo. A empresa contratante também fica responsável pela alimentação, transporte, atendimento ambulatorial e condições sanitárias do terceirizado.

O projeto prevê uma multa em casos de irregularidade. Tanto a empresa contratada como a contratante po-



dem se responsabilizar pelo pagamento, que chega a R\$ 1.000 por trabalhador irregular e R\$ 500 por cada situação de discriminação.

OS PONTOS QUESTIONÁVEIS

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) publicou uma nota técnica que contesta alguns pontos da proposta do Ministério do Trabalho. Por exemplo: quando o projeto afirma que “os trabalhadores terão os direitos garantidos pela convenção coletiva da categoria da qual fazem parte”, ao não explicitar que se trata de também acordo coletivo, poderá desencadear interpretação dúbia. Segundo o DIEESE, a redação do PL deveria estar mais clara para evitar debates



futuros acerca da possibilidade de acordo individual.

Com relação à jornada de trabalho, o texto diz que ela será equivalente à do empregado da empresa tomadora, no entanto não faz qualquer referência ao pagamento de hora extra.

Outro ponto bastante questionado é a autorização do serviço terceirizado nas atividades-fim. Com isso, derruba-se uma das poucas proteções com relação à terceirização garantidas no ordenamento jurídico atual. Hoje, por exemplo, uma fábrica têxtil não pode terceirizar as costureiras, mas pode contratar terceiros para as funções que não influem nos fins lucrativos. A proposta ela-

borada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, no entanto, não menciona mais essa proibição.

Duas lacunas no texto atingem diretamente a atuação sindical: não há previsão de que os sindicatos sejam informados sobre processos de terceirização e nem há menção à negociação coletiva como um dos fatores de estabilidade das relações de trabalho em processos de mudança das condições trabalhistas e de produção. Também não há referência à representação sindical de trabalhadores terceirizados.

A direção do Sintetel entende que o movimento sindical deve debater firmemente as questões em torno da tramitação do projeto. “Nós defendemos, juntamente com a Força Sindical, que o projeto garanta os direitos aos trabalhadores e evite que os empresários usem a terceirização para burlá-los. Devemos também preservar a atuação sindical clara e efetiva”, declara Almir Munhoz, presidente do Sintetel.

A mão-de-obra terceirizada no setor privado brasileiro atinge cerca de três milhões de trabalhadores. Em 1998, quando o governo propôs a privatização do setor de telecomunicações, o Sintetel foi contra, pois já previa a precarização das condições trabalhistas e de serviço. A direção do Sindicato já antecipava que, com a privatização, a mão-de-obra terceirizada seria adotada em grande escala. Em meio a esse turbilhão de posturas e opiniões, um fato é incontestável: com a adoção de terceiros, os órgãos de fiscalização devem ficar atentos para que os trabalhadores não sofram suas consequências mais cruéis. ■

À espera das melhorias

A regulamentação dos call centers deve melhorar o atendimento ao cliente, mas o que preocupa é o tratamento dispensado ao trabalhador.

Emilio Franco Jr.

O setor de teleatendimento sempre foi alvo de reclamações. As queixas vinham dos dois lados da linha, opondo consumidores e teleoperadores. Contudo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, em julho de 2008, o decreto que regulamenta o atendimento em call centers, visando solucionar o problema de pelo menos uma das partes. A medida impõe regras para os atendentes, com o objetivo de diminuir o grande número de clientes insatisfeitos com o serviço de atendimento oferecido pelas empresas.

As principais regras impostas referem-se ao tempo máximo de espera na linha, fixado em até um minuto, com a obrigatoriedade de que o serviço seja gratuito e 24 horas por dia, inclusive nos finais de semana. Será proibida a exigência de que o consumidor forneça seus dados antes de ser atendido. Pedidos de cancelamento deverão ser proces-

sados imediatamente e não será permitida a transferência da ligação entre vários atendentes. Tudo terá que ser resolvido por apenas uma pessoa. O consumidor terá que explicar seu problema uma única vez, pois um sistema informatizado deverá manter o histórico da conversa disponível a todos os operadores. Será obrigatório o fornecimento de número de protocolo do atendimento, e as ligações deverão ficar gravadas por pelo menos seis meses.

Adriana Cristina Pereira, assistente de direção do PROCON de São Paulo, comenta as regras aprovadas. “As principais mudanças começam com a opção de falar direto com um atendente e não com um sistema eletrônico, assim como poder cancelar o serviço e formular a reclamação”. Adriana acrescenta que a lei pode aquecer a economia com a geração de novos empregos. “As empresas precisam se adequar às novas normas. Isso pode gerar mais postos



Funcionários trabalham em ritmo acelerado a cada turno

de trabalho, pois será necessário cumprir o tempo máximo de espera na linha de 60 segundos, além da opção de falar diretamente com um atendente, não mais com uma gravação. Haverá uma readequação em todos os setores”.

O diretor do Sintetel Mauro Cava de Britto defende que, além da geração de novos empregos, a lei deve servir de incentivo para que os atuais trabalhadores do ramo sejam mais valorizados. “Esperamos que as empresas passem a remunerar



Profissionais temem que a nova lei aumente a pressão no trabalho



As telefonistas eram os teleoperadores de antigamente

melhor os teleoperadores. Para atender todas as exigências da lei, um número maior de pessoas deve ser empregada e estes profissionais precisarão ser bem qualificados”.

Ainda na visão do dirigente sindical, os call centers não enfrentarão problemas para se enquadrar à nova lei. “As empresas não sofrerão, pois não é uma normatização complicada de ser implementada. No entanto, o teleoperador não deve ser esquecido, ele tem que ser valorizado”.

Condições financeiras para treinar, contratar e remunerar adequadamente seus empregados, as empresas possuem. O setor de telemarketing faturou mais de R\$ 3 bilhões em 2006, valor que cresceu mais de 11% no ano seguinte, e deve aumentar ainda mais em 2008. Na América Latina, o setor faturou US\$ 1,6 bilhão em 2004 e teve faturamento de US\$ 3,6 bilhões em 2008, dos quais 52% são gerados pelo Brasil.

Com tanto dinheiro em jogo, José Valmir Marcatto, diretor da Dedic Mobitel - empresa do setor de call

center -, afirma que a empresa está investindo em infra-estrutura, tecnologia, treinamento e contratações. E concorda que o principal beneficiado com a regulamentação é o consumidor. “A Dedic acredita que a iniciativa está definindo parâmetros de mercado para

aprimorar as relações entre as centrais de atendimento, colaboradores e clientes, com o objetivo de favorecer o consumidor final”. Ele afirma que, com as novas regras, as empresas comprometidas com as melhores práticas do mercado devem se destacar e consolidar sua atuação.

Na opinião de Christina Freitas da Silva, supervisora de atendimento do Itaú Cobrança, as empresas exigirão ainda mais de seus trabalhadores para não correrem o risco de sofrer algum tipo de punição. “O maior problema é que as empresas esquecem que o operador pode errar. Uma

cobrança muito grande pode gerar funcionários desmotivados ou estressados, o que traria problemas ainda maiores para os telecentros”, afirma. “Para que todos sejam respeitados e bem atendidos, estipular regras para regulamentar os call centers é fundamental”, conclui.

O Sintetel, no entanto, reforça a idéia de que o bem-estar do teleoperador vem em primeiro lugar. “Estamos focados na defesa dos trabalhadores, pois a nossa preocupação é de que estas novas regras aumentem a pressão e o estresse. Por isso, fiscalizaremos a implantação e impediremos que os teleoperadores sejam prejudicados”, afirma Almir Munhoz, presidente do Sindicato.

A nova lei entrou em vigor no dia 1º de dezembro. Em caso de descumprimento, as companhias estarão sujeitas a punições previstas no Código de Defesa do Consumidor, que vão desde multa, no valor de R\$ 200 a R\$ 2 milhões, até a interdição do estabelecimento. A íntegra da lei que regulamenta o atendimento das empresas de call center está disponível no site do Sintetel (www.sinetel.org). Para visualizá-la, basta clicar no botão publicações e em seguida na janela extras. ■





Pacto pela INCLUSÃO

Sintetel e Telefônica firmam parceria para inserir pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho

Amanda Santoro,
com colaboração de Emilio Franco Jr.

Há quinze anos, o Sintetel dava o pontapé inicial na questão da inclusão de deficientes. Foi em dezembro de 1993, no leilão em que o Sindicato arrematou três residências de aluguel ofertadas pelo INSS, que a semente da idéia começou a germinar. Naquela época ainda não existia um destino certo para as casas, apenas a intenção de melhorar a atuação da entidade por meio de um novo imóvel.

Treze anos depois, em conjunto com a Fundação Telefônica, o Sindicato inaugurou no local o Centro de Formação Profissionalizante Sintetel, uma escola de qualificação profissional com ampla acessibilidade para deficientes físicos. Após dois anos, em 2008, a antiga parceria é reinventada e ganha nova aplicabilidade com a assinatura do Pacto Coletivo para Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho.

O PACTO

Pelo programa firmado, 150 novas vagas serão disponibilizadas para deficientes físicos até o ano de 2010. Divididos em seis turmas de 25 alunos, os participantes devem efetuar dois módulos de curso em oito meses: elevação de escolaridade (com conclusão do ensino médio por meio de supletivo reconhecido pelo MEC) e qualificação profissional (com aprendizado técnico em administração, informática, telecomunicações e recursos humanos).

Os alunos que integram o programa recebem vale-refeição e bolsa de estudos mensal no valor de meio salário mínimo (R\$ 207,50). As aulas acontecem de segunda à sexta-feira, no Centro de Formação Profissionalizante Sintetel, durante o horário comercial.

DA TEORIA À PRÁTICA

O "Pacto pela Inclusão", que hoje vigora,

sofreu algumas alterações até ser concretizado. Em 2006, quando o Sintetel iniciou as negociações com as empresas prestadoras de serviço em telecomunicações, ainda não havia a participação direta da Telefônica no processo.

Firmada há um ano, a parceria entre o Sintetel e a empresa ajudou ambos os lados. Com ela, o Sindicato consegue disseminar a sua atuação cidadã, enquanto o grupo empresarial encontra subsídios para contratar os 4.500 trabalhadores com deficiência que estão previstos pela lei (2% do número total de trabalhadores).

Após dois anos de ajustes, em 17 de setembro de 2008, o Sintetel e o Grupo Telefônica assinaram o Pacto Coletivo para Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho. Almir Munhoz, presidente do Sindicato, falou sobre a importância da iniciativa. "Realizaremos nosso sonho de formação profissional neste segmento. Temos



Almir Munhoz, presidente do Sintetel, assina Pacto. “Nós, da diretoria, entendemos que os sindicatos devem influenciar e auxiliar a sociedade. Devemos ir além da luta pelos direitos trabalhistas. É isso o que pretendemos com estas novas turmas”, afirmou



A segunda turma do “Pacto” apresentará pessoas com deficiência auditiva. Na foto, alguns dos integrantes que pretendem participar das aulas

exemplos, como vimos nas paraolimpíadas, de que as pessoas com deficiência mostram competência quando recebem uma oportunidade”.

Já o presidente da Telefônica, Antônio Carlos Valente, disse que a empresa tem entre seus princípios básicos o compromisso de trabalhar para que não haja nenhum tipo de exclusão. “Quando temos a oportunidade de botar isso em prática, ficamos muito satisfeitos. Estamos firmando esse acordo que ajudará muitas pessoas a terem uma nova oportunidade no mercado de trabalho”.

FISCALIZAÇÃO

A cada seis meses, o “Pacto pela Inclusão” é vistoriado pela Superintendência Regional de Trabalho e Emprego. As empresas assinantes (neste caso, a Telefônica) devem comparecer ao órgão e comprovar que estão agindo de acordo com os termos pré-estabelecidos no documento.

Caso isso não aconteça, o pacto é revisto e a empresa deve pagar uma multa de R\$ 125 mil por cada mês de descumprimento. “Isso não é brincadeira, é um compromisso. Se a Telefônica furar com a sua palavra, não tenham dúvidas que iremos multar”, alertou a Dra. Lucíola Rodrigues Jaime, superintendente regional do Trabalho e Emprego no estado de São Paulo.

PRIMEIROS PASSOS

No dia 22 de setembro, os participantes da primeira turma do “Pacto” iniciaram suas atividades. Durante o coquetel de inauguração, ansiedade e esperança eram os sentimentos mais recorrentes. “Trabalhava como apontador de produção, mas a firma não reconhecia meu trabalho. Com a conclusão do curso, espero conseguir uma oportunidade melhor e, quem sabe, trabalhar com informática futuramente”, afirmou Edson Gaudino da Silva, de 37 anos.

A segunda turma tem início previsto para 2009 e, ao contrário da primeira, estará apta a atender deficientes auditivos. Gabriela Carvalho da Silva, de 15 anos, pretende participar do programa. “Quero ser mais capacitada na área de informática. Pretendo começar como auxiliar administrativa, fazer faculdade e ser professora de Educação Física”, afirmou por meio da linguagem de sinais.

HISTÓRICO DE LUTAS

Desde 2001, grupos ativistas têm insistido na idéia de que não basta ter

acessibilidade arquitetônica, é necessário garantir trabalho às pessoas com deficiência. Na ocasião, a Lei de Cotas já vigorava há dez anos, mas não era cumprida por quase ninguém. Hoje, em avaliação comparativa feita ano a ano, os resultados no estado de São Paulo são promissores: 13,3% das empresas já estão dentro dos padrões. Apesar do crescimento, no entanto, o percentual ainda é baixo.

Dezoito pactos coletivos para inclusão de pessoas com deficiência foram firmados nos últimos dois anos no estado de São Paulo. O Ministério do Trabalho e Emprego estima que, por meio destes acordos, 85 mil pessoas já conseguiram entrar no mercado. “Já está mudando a mentalidade dos atores sociais que caminham para a inclusão das pessoas com deficiência. Avançamos bastante na questão do olhar das empresas, dos sindicatos, dos órgãos de fiscalização, das escolas e das entidades especializadas neste assunto. Acho que estamos no caminho certo”, disse Carlos Aparício Clemente, coordenador do Espaço da Cidadania e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. ■

As inscrições são gratuitas e devem ser feitas pessoalmente no Centro de Formação Profissionalizante Sintetel (Rua Santa Isabel, 36, Vila Buarque - SP)

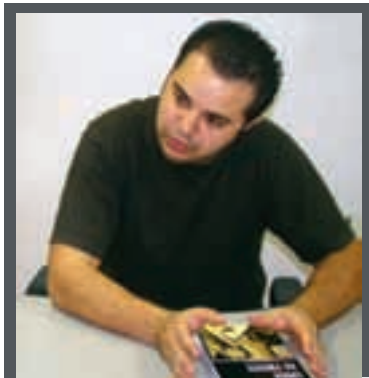
LAZER

Sob pressão

“Linha de Frente – os bastidores do telemarketing” conta a rotina de cobranças vivida pelos trabalhadores do setor

Amanda Santoro

A narrativa crua, embasada por cerca de cinquenta relatos contundentes, permite ao livro “Linha de Frente – os bastidores do telemarketing” traçar um retrato perturbador sobre a rotina dos teleoperadores. Escrita pelo jornalista Júnior Barreto, a obra explica o dia-a-dia dos profissionais desse segmento, que freqüentemente se deparam com situações de assédio moral, abuso de



O jornalista Júnior Barreto explica o processo de apuração e redação do livro “Linha de Frente – os bastidores do telemarketing”

autoridade, cumprimento de metas inatingíveis e más condições de trabalho.

“A rotina do operador de telemarketing é exaustiva. Não se pode chegar atrasado sob hipótese alguma, mesmo que esta demora seja de apenas alguns segundos. Em média, durante as seis horas diárias de expediente, um trabalhador de call center atende de 100 a 150 ligações, permanecendo sentado 95% do tempo”, afirma o autor.

A idéia de escrever o livro surgiu durante a faculdade de jornalismo, quando Júnior começou as discussões sobre o seu trabalho de conclusão de curso. “Contei à jornalista Mônica Mandaji, orientadora do projeto, minha intenção de abordar o tema. Iniciei as pesquisas e me propus a relatar todos os sofrimentos e agruras vividos por esses trabalhadores. Eu queria afundar o dedo na ferida. No final das contas, apesar das dificuldades evidentes, deu tudo certo”, comenta.



Júnior Barreto, que também é pós-graduando em Sócio-Psicologia pela FESP-SP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), traz uma vasta bagagem que lhe possibilita tratar com minúcia o tema abordado em sua primeira obra. O jornalista de 27 anos trabalhou em call centers de 1999 a 2008, passando pelo segmento financeiro, bancário e de TV por assinatura.

“Linha de Frente - os bastidores do telemarketing” recebeu o apoio do Sindicato dos Bancários de São Paulo, que custeou a reimpressão de exemplares e promoveu uma sessão de apresentação em sua sede. No entanto, a fim de solidificar ainda mais o livro no mercado, Júnior Barreto negocia com a editora Reverbó o lançamento oficial da obra. Por enquanto, quem quiser adquiri-lo deve fazer contato pelo e-mail junbarreto@ig.com.br. Em breve, exemplares serão disponibilizados nas livrarias.

VALE A PENA ASSISTIR:



Ensaio sobre a Cegueira (Blindness)

Adaptação do livro homônimo do escritor José Saramago, **Ensaio sobre a Cegueira** conta a história de uma sociedade fictícia que inexplicavelmente é atingida por uma doença denominada “cegueira branca”, que tira, repentinamente, a capacidade das pessoas enxergarem. Curiosamente, é um filme de forte impacto visual. O diretor brasileiro *Fernando Meirelles* conduziu o longa de forma a criar cenas nas quais brinca com os olhos do espectador ao desfocar a imagem e ao fazer cortes aparentemente sem nexos. A mensagem principal é a

cegueira de cada um no dia-a-dia, mostrando que muitas vezes deixa-se de ver o que realmente importa em outro ser humano em função de preconceitos e superficialidade nos valores. *Meirelles* traça um leve panorama da sociedade moderna, a fim de expor o individualismo e o isolamento cada vez maior das pessoas. A conclusão não pode ser outra a não ser a de que as pessoas dependem, em maior ou menor grau, umas das outras.

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL 2008

Star, tornada e laser (esporte)	Faxineira Interjeição de espanto	Animal de haras Alvo da anestesia	Declaração da ONU que completa 70 anos em 2008	Amoldado, conferido Ginecista	Principio com o nascimento de Jesus
▶	▼	▼	▼	▼	▼
Moidade juventude (bras.) Valer-as				A T I	
▶			Madeira de caramanchões Progreða	▶	
* A Escrava (?) romance	Letra que precede "P" e "B" Regressar	Mentira, em inglês 5ª nota musical		Truque Capote, escritor dos EUA	▶
▶	▼	▼			
Prestigiar do novo Aids, em Portugal			Seres fantásticos de interior da Terra	Indivíduo que administra negócios	(?) Cavalcanti, pintor brasileiro
▶			Político sul-africano	▶	
Cantil primitivo Interjeição de vocação	Enorme; grande Verbo (libres)				Melissos que vivem em jardins
▶	▼				▼
Libertar Ulceração na gengiva	Planta ornamental exótica		O Dia da Invasão Aliada na Normandia	Prônimo pessoal	
▶	▶			▼	Animais usados em corridas, no Ceará
		Tecida		Equivalente a sessenta minutos	▼
Foguetes; arrebatadas		▼			
(?) Santa, período da Quaresma (Catal.)	Tipo de cerveja inglesa			Não é julgada, na execução sumária	Carlos Nejar, poeta Eneerça
▶	▶			▼	
Faço preces			Novo adejo		
		Personificação da justiça divina (Mit.)			

BANCO
Cine — Le. Livro — Sida. Sirenia. T. Anthon — Imagem



Catupiry é produto brasileiro

O requeijão catupiry é uma criação brasileira. Ele foi inventado por Mário e Isaira Silvestrini, um casal de imigrantes italianos, em 1911, na estância hidromineral de Lambari, em Minas Gerais. A palavra catupiry tem origem tupi-guarani e significa “excelente”

De onde vem a expressão “lágrimas de crocodilo”?

Quando os crocodilos comem uma presa, eles a engolem sem mastigar. Para isso, abrem a boca de tal forma que ela comprime a glândula lacrimal, localizada na base da órbita, o que faz com que os répteis lacrimejem. A partir dessa observação, passou-se a dizer que as pessoas que choram sem razão, ou por fingimento, derramam lágrimas de crocodilo.



“Foi feito nas coxas”

Segundo guias turísticos de Porto Seguro, Bahia, colonizadores da época do descobrimento do Brasil obrigavam escravos a utilizar as próprias coxas para moldar telhas, o que fazia com que elas fossem bastante irregulares. Devido a isso, quando um trabalho é malfeito ou fica pior do que o esperado, diz-se que “foi feito nas coxas”.

Fonte: Portal Terra (www.terra.com.br/curiosidades)

ZANGANOR

DIA DE REIS

PAULO RODRIGUES*

Descobri que o meu amigo Zanganor acalenta o sonho de publicar um livro com suas memórias. Outro dia ele me mandou um dos muitos textos que manuscreeve numa agenda velha. Sensibilizado, pedi aos editores de Linha Direta autorização para ceder-lhe o meu espaço. Aí vai:

Dia de Reis

Enquanto assistimos ao teipe, eu e o Biduílio tomamos uma birra bem gelada. A varanda da casa dele é ampla, e a porta de folha dupla permite que assistamos a tevê 29 polegadas do lado de fora.

Biduílio é nosso cardeal, pois Roberto e eu, ao nosso modo, somos reis.

O piso da varanda é revestido de lajotas pretas e brancas. Talvez por isso, penso num imenso tabuleiro de xadrez. Atento aos menores detalhes do filme, Roberto é o rei branco, e, embora ele não me olhe, sei que está irritado comigo. Um pouco porque eu sou o rei preto, um pouco porque este é mais famoso que o outro. Irrita-se também porque eu bebo mais do que devia e deixo cair uns pingos sobre a mesa. Assustado com o líquido escorrendo pelo tampo, mas sem desgrudar os olhos da tevê, ele pede um pano à menina do Biduílio. Enquanto Roberto restaura a ordem na mesa, o filme acaba.

Então o Biduílio aproveita a ira do Roberto pra soltar os cachorros sobre mim:

- Que porra, negrão, toma juízo! Olha a imagem, cacete! Olha tua barriga, teus olhos empapuçados, teus dentes amarelos de cigarro!

- Porra, negrão, nós somos os reis, se liga nisso!- Roberto complementa.

Como sempre, eu baixo os olhos envergonhado. Sósias de celebridades, que merda! Melhor vida leva o Biduílio, basta olhar a casa dele. Não tem imagem a preservar, bebe enquanto pode, e ainda se diverte com as nossas brigas idiotas. Agente! Inscreve-nos nos programas mais imbecis, vestidos como palhaços (a caráter, ele diz), car-

regando bolas, tochas, violas desafiadas, microfones desligados, entre outras bugigangas sem serventia.

Roberto já se acalmou. Ajeita os longos cabelos, alisa a roupa impecável e se desculpa pelos excessos:

- Sabe, negrão, é que quando você pisa na bola, suja também a

minha água. Afinal, atuamos quase sempre juntos, temos o mesmo empresário (agente!)... Só falo pro teu bem.

Dou de ombros. Sei que enquanto discutimos esses pormenores podem estar cortando a água, a luz ou o telefone lá de casa. Sei que a Diná, como sempre, vai perguntar se eu não vou acordar desse delírio e procurar um emprego que garanta a subsistência da família. Vai repetir que o cachê, assim como nós, é mero sócia de uma remuneração.

Se me rebelo com o Biduílio, ele faz cara de vítima e me chama de ingrato:

- Te arrumo vinte minutos de exposição e você só pensa na porra do dinheiro?!

Para espantar esses maus pensamentos, emborco rapidamente minha cerveja. Peço à menina que encha outra vez os copos, inclusive o do Roberto. Quero levantar um brinde!

Os dois me olham desconfiados, e eu, escorado no tampo da mesa, ergo um braço como se levantasse a Copa do Mundo, e grito bem alto:

- Meu reino por uma câmera!



Zanganor

*Paulo Rodrigues é escritor e assessor do Sintetel. Autor do livro À margem da Linha que ganhou prêmio da APCA.

SINETEL SEDE SÃO PAULO

Rua Bento Freitas, 64
Vila Buarque | 01220-000
São Paulo | SP
Tel: (11) 3351-8899
Fax: (11) 3221-3459
e-mail: sintetel@sintetel.org.br

Presidente:
ALMIR MUNHOZ
Gestão Unidade na Luta

Visite o Sindicato na internet
www.sintetel.org



ABCDM

Rua Princesa Maria Amélia, 187
Nova Petrópolis | 09771-120
São Bernardo do Campo | SP
Tel: (11) 4123-8975 | 4124-6854
e-mail: sintetel_abc@uol.com.br

BAURU

Rua Rio Grande do Sul, 4-60
Vila Coralina | 17030-020 | Bauru | SP
Tel: (14) 3231-1616 | 3231-1617
e-mail: sintetel_bru@uol.com.br

CAMPINAS

Rua Dr. Antonio Alvares Lobo, 172
Botafogo | 13020-110 | Campinas | SP
Tel: (19) 3236-1080
e-mail: sintetel.cas@terra.com.br

RIBEIRÃO PRETO

Rua Americo Brasiliense, 405 4º andar
| 14050-015 | Ribeirão Preto | SP
Tel: (16) 3610-3015 | 3610-3080
e-mail: subribeirao@sintetel.org.br

SANTOS

Av. Dr. Carvalho de Mendonça, 530
Vila Belmiro | 11070-102 | Santos | SP
Tel: (13) 3225-2422 | 3225-2556
e-mail: sintetel.santos@terra.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Rua Voluntários de São Paulo, 3066
3º andar | 15015-200 |
São José do Rio Preto - SP
Tel: (17) 3232-5560 :: 3234-5571
e-mail: sindsrr@terra.com.br

SOROCABA ESCRITÓRIO AVANÇADO

Rua Sarutaiá, 220
Centro | 18035-190 | Sorocaba | SP
Tel: (15) 3233-8586 | 3212-4800

VALE DO PARAÍBA

Av. Paraíso, 165
Jardim América | 12235-460
São José dos Campos | SP
Tel: (12) 3939-1620 | 3939-4401 | 3937-9448
e-mail: sintetel_sjc@uol.com.br

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA
A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE.
AO FUTURO, POR EXEMPLO.

www.oifuturo.org.br



Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para diminuir as distâncias sociais do Brasil. Em 7 anos, já contribuimos para um futuro melhor de mais de 2,5 milhões de brasileiros através de programas que utilizam a tecnologia da informação e da comunicação, como **Tonomundo**, **Oi Kabum!**, **Novos Brasis**, **NAVE** e **Conecta**. E, no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, o **Oi Futuro** também funciona como um espaço de cultura que é referência internacional em arte e tecnologia. Democratizar o acesso ao conhecimento. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.



FUTURO